



DOSSIÊ

DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: A “CARTA DO ABRAÇO”

Juliana Batista FARIA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil

julianabatista@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0003-1315-0094> 

Inês Ferreira de Souza BRAGANÇA

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Campinas, São Paulo – Brasil

inesfsb@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0003-4782-1167> 

RESUMO: O artigo resulta de uma pesquisa-formação, inserida em uma investigação em rede sobre experiências instituintes de formação docente na América Latina, que objetivou tematizar e desenvolver, pela Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP), estratégias de leitura, escrita, edição e publicização de narrativas pedagógicas na formação inicial docente. Desde os anos 2000 a DNEP desenvolve-se predominantemente na formação continuada de professores, com abertura para criações ético-metodológicas que possam adaptá-la a diferentes territórios pedagógicos. Nossa pesquisa busca adaptá-la ao território do curso de Pedagogia em uma universidade pública brasileira. Este artigo analisa uma estratégia desenvolvida para que os estudantes comentassem as narrativas uns dos outros: a carta do abraço. Nossa análise focaliza os tons de comentários que contribuem para a edição pedagógica dos relatos, dando a conhecer o trabalho hermenêutico iniciado pelos estudantes com as narrativas escritas por seus colegas e discutindo como se caracterizam os comentários nelas encontradas.

PALAVRAS-CHAVE: Documentação narrativa de experiências pedagógicas. Narrativas pedagógicas. Experiências instituintes de formação docente. Formação inicial docente.

NARRATIVE DOCUMENTATION OF PEDAGOGICAL EXPERIENCES IN THE PEDAGOGY COURSE: THE “EMBRACE LETTER”

ABSTRACT: The article is the result of a research-training, inserted in a network investigation about instituting experiences of teacher training in Latin America, which aimed to theme and develop, through the Narrative Documentation of Pedagogical Experiences (DNEP), reading, writing, editing and publishing strategies of pedagogical narratives in initial teacher training. Since the 2000s, DNEP has been developed predominantly in the continuing education of teachers, with openness to ethical-methodological creations that can adapt it to different pedagogical territories. Our research seeks to adapt it to the territory of the Pedagogy course of a public Brazilian university. This article analyses a strategy developed for students to comment each other's narratives: the “embrace letter”. Our analysis focuses on the tones of comments that contribute to the pedagogical edition of the accounts, making known the hermeneutic work initiated by the students with the narratives written by their colleagues and discussing how the comments found in them are characterized.

KEYWORDS: Narrative documentation of pedagogical experiences. Pedagogical narratives. Instituting experiences of teacher training. Initial teacher training

DOCUMENTACIÓN NARRATIVA DE EXPERIENCIAS PEDAGÓGICAS EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA: LA “CARTA DEL ABRAZO”

RESUMEN: El artículo resulta de una investigación-formación, parte de una investigación en red sobre experiencias instituyentes de formación docente en América Latina, cuyo objetivo fue tematizar y desarrollar, por la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas (DNEP), estrategias de lectura, escritura, edición y divulgación de narrativas pedagógicas en la formación inicial docente. Desde 2000, la DNEP se ha desarrollado predominantemente en la formación continua de docentes, con apertura a creaciones ético-metodológicas que puedan adaptarla a diferentes territorios pedagógicos. Nuestra investigación busca adaptarla al territorio del curso de Pedagogía en una universidad pública brasileña. Este artículo analiza una estrategia desarrollada para que los estudiantes comenten las narrativas de los demás: la “carta del abrazo”. Analizando los tonos de comentarios que contribuyen a la edición pedagógica de los relatos, damos a conocer el trabajo hermenéutico iniciado por los estudiantes con las narrativas de sus compañeros y discutimos cómo se caracterizan los comentarios encontrados.

PALABRAS-CLAVE: Documentación narrativa de experiencias pedagógicas. Narrativas pedagógicas. Experiencias instituyentes de formación docente. Formación inicial docente.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de uma pesquisa narrativa (auto)biográfica de pós-doutorado cujo objetivo foi tematizar e desenvolver, por meio da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP), estratégias de leitura, escrita, edição e publicização de narrativas pedagógicas na formação inicial docente¹.

A DNEP é um dispositivo de investigação-ação-formação que promove encontros entre docentes que são orientados a escrever, ler, editar pedagogicamente e publicar “relatos de experiência pedagógica” (um tipo de narrativa pedagógica). Desde os anos 2000 o Grupo *Memoria Docente y Documentación Pedagógica*, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (Argentina), desenvolve esse dispositivo predominantemente na formação continuada de professores, por meio de um trabalho colaborativo organizado em diferentes momentos sucessivos e recursivos:

- a) a geração de condições políticas, institucionais e pedagógicas adequadas para a investigação-formação-ação docente participativa; b) a identificação e a seleção de experiências a documentar; c) e escrita e reescrita de distintas versões do relato de experiência; d) a leitura, os comentários e a conversação em torno das distintas versões do relato de experiência, ou seja, a “edição pedagógica”; e) a publicação dos relatos; f) a circulação dos documentos narrativos em circuitos de recepção especializados (SUÁREZ, 2016, p. 485, tradução nossa).

As pesquisas realizadas pelo grupo em torno da DNEP buscam registrar as distintas estratégias utilizadas por quem o coordena, em diversos “territórios pedagógicos” (BUSTELO, 2016), de modo que o dispositivo é continuamente aprimorado, com grande abertura para criações ético-metodológicas que possam adaptá-lo a diferentes contextos investigativo-formativos. Nossa pesquisa se insere nesse movimento de adaptação e criação para o território da formação inicial docente em uma universidade pública brasileira e este artigo traz à tona uma estratégia que desenvolvemos para que os estudantes vivenciassem processos que envolvem o comentário de narrativas uns dos outros.

A perspectiva ético-metodológica do dispositivo da DNEP assumiu, pois, grande centralidade em nossa pesquisa, que também dialoga com a abordagem da pesquisa-formação (JOSSO, 2004), com a concepção de formação de Freire (1996), bem como com o conceito de experiência de Benjamin (2012) e autores contemporâneos que pensam as relações entre *experiência e formação*.

A pesquisa-formação iniciou-se no 1º semestre de 2022, por meio da oferta de uma disciplina eletiva sobre a DNEP na Faculdade de Educação de uma universidade pública brasileira. Cursaram a disciplina 18 estudantes de Pedagogia e outros cursos de formação de professores. A disciplina tinha a DNEP como tema central e como modo de pesquisar-formar, ou seja: buscamos refletir sobre a DNEP fazendo DNEP, o que possibilitou não apenas a escrita das narrativas pedagógicas como a reflexão metanarrativa sobre os movimentos instituintes que aconteceram à medida em que nos aventuramos a pesquisa-formar com a DNEP no contexto da formação inicial docente. Nos exercícios narrativos propostos aos estudantes, considerávamos que as experiências pedagógicas narradas por eles poderiam tecer reflexões pedagógicas sobre suas experiências de formação, já que, em sua maioria, esses estudantes ainda não exerciam profissionalmente a docência.

A primeira escrita narrativa foi proposta com a pergunta “Como cheguei até aqui?”. Para que os estudantes começassem a vivenciar os princípios ético-metodológicos da DNEP, nós distribuimos a primeira versão

1 O trabalho foi registrado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, código 54176221.3.0000.8142.

nessa narrativa entre eles e propusemos o exercício narrativo ao qual denominamos “carta do abraço,” que visava a produção de comentários escritos sobre a primeira versão do texto de colegas.

No presente artigo, compartilhamos algumas reflexões teórico-metodológicas que fundamentaram nosso estudo e relatamos como se deu o desenvolvimento da narrativa “Como cheguei até aqui?” e da “carta do abraço” a essa narrativa, explicitando como essas produções se inseriram no processo de DNEP e analisando como a carta do abraço contribui para o dispositivo da DNEP. Por fim, refletimos sobre as contribuições de nosso trabalho para o campo das abordagens narrativas e (auto)biográficas em contextos de formação inicial docente.

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Vinculada aos cotidianos da vida, das escolas e universidades a pesquisa-formação aqui apresentada ancora-se em contribuições de abordagens narrativas (auto)biográficas e dos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares, na tessitura de experiências instituintes de formação docente, desenvolvida no contexto de uma rede de pesquisa com professoras/es de diferentes regiões do Brasil e de países da América Latina – Argentina, Colômbia e Peru. Afetos, redes colaborativas e princípios epistemopolíticos e teorico-metodológicos comuns, tematizando “Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica: diálogos latino-americanos”².

Desde os anos 1980, as pesquisas, nacionais e internacionais, ressaltam a importância da formação centrada na escola, a valorização dos saberes docentes, memórias e narrativas. No contexto brasileiro e latino-americano são intensas as experiências de formação que são, na acepção de Boaventura Santos (2000), desperdiçadas, invisibilizadas na formação de professores/as.

Dialogando com Linhares (2007, p. 139), tomamos como *instituintes* movimentos [...] que tendem a alterar, diferir e criar uma outra escola, em articulação com uma outra sociedade, também mais justa, mais amorosa, mais incluyente e mais plural, superando e ultrapassando aquelas formas de dominação e manipulação político-pedagógicas”. Experiências de formação docente inicial e continuada, envolvendo escolas e universidades, em que ciências, técnicas, práticas, políticas e estéticas indicam modos outros de produzir conhecimento, pesquisar, formar e habitar o mundo.

As contribuições de Freire (1992) e da corrente das Histórias de Vida em Formação apontam para movimentos indissociáveis entre pesquisa e formação como um compromisso *políticoepistêmico* que envolve a construção do conhecimento e a permanente (trans)formação de nós mesmos e do mundo. Com Freire (1992) o ato educativo dialógico implica em horizontalidade com os que sentam conosco em rodas de conversa, com quem conversamos e nos permitimos viver deslocamentos. A obra freireana e o convite dialógico aos processos educativos nos desafiam a uma produção de conhecimento implicada. A abordagem das histórias de vida em formação, especialmente as produções de Gaston Pineau (2020) e Marie-Christine Josso (2004), perspectiva a potência da pesquisa-formação, problematizando a pesquisa para além da ciência e da técnica, da teoria e da prática, incorporando a força das experiências e dos sentidos (LARROSA, 2002).

No âmbito da formação docente, as narrativas (auto)biográficas favorecem um círculo virtuoso de *interrogações ontológicas, políticas, estéticas e pedagógicas*. Perguntamos sobre os modos como nos fazemos gente no

2 A referida pesquisa conta com financiamento do CNPq

mundo, nos unimos em coletivos docentes narradores, sentimos e damos a sentir conhecimentos pedagógicos em partilha. Dessa forma, perspectivamos o campo das pesquisas narrativas e (auto)biográficas, como mais que um método e assumimos a intencionalidade de um projeto de sociedade e de formação humana, reafirmando possibilidades de construção partilhada do conhecimento pedagógico, implicado na vida que pulsa, produzindo histórias que nos ajudam a, coletivamente, “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Entre os diferentes modos de se levar adiante esse projeto, escolhemos desenvolver um trabalho com as narrativas pedagógicas: textos escritos por educadores para relatar suas práticas e experiências pedagógicas, bem como compartilhar reflexões, leituras e/ou pesquisas que desenvolvem *sobre* e *para* a própria prática (PRADO, 2018). Nesses textos, os educadores se posicionam pessoal e profissionalmente, compartilhando memórias, histórias e lições aprendidas nos diversos tempos e espaços formativos da vida. A produção das narrativas pedagógicas possibilita, pois, que se instaurem movimentos de pesquisa-formação centrados na “reflexão pedagógica” (DÁVILA, 2014) sobre acontecimentos que se situam no “coração da experiência educativa” (CONTRERAS DOMINGO; PÉREZ DE LARA FERRÉ, 2013).

Compreendemos que os “relatos de experiência pedagógica” produzidos por docentes no âmbito da DNEP são um tipo de narrativa pedagógica, na medida em que registram parte do “saber pedagógico, prático e, muitas vezes, tácito ou silenciado, que construíram e reconstruíram ao longo de sua carreira profissional, na infinitude de experiências e reflexões que realizaram e realizam sobre seu trabalho” (SUÁREZ; OCHOA; DÁVILA, 2004, p. 20, tradução nossa).

A PROPOSIÇÃO DA NARRATIVA “COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?”

No início do processo de DNEP, é comum que se proponha aos participantes a produção de uma narrativa que busque responder à questão: “Como cheguei até aqui?”. Ao propor essa escrita, estimula-se que cada um se apresente para o grupo contando um pouco de sua história, o que implica um primeiro movimento de reflexividade (auto)biográfica: para escrever essa narrativa, o sujeito pensa sobre sua vida e seleciona acontecimentos que dão sentido para sua presença junto àquele grupo. Essa escrita, feita em primeira pessoa, possibilita que os participantes possam se sentir mais à vontade para começar a escrever textos que, ao longo do processo de DNEP, se converterão em relatos (narrativas) de experiência pedagógica. A produção dessa escrita também costuma instaurar uma conversa sobre o saber prático e o saber científico, uma conversa que nos leva a atravessar, por meio da escrita das narrativas, as fronteiras que podem existir entre esses saberes. Passamos a ocupar, assim, um “território de passagem” (LARROSA, 2014), o território da *experiência*.

Em nossa pesquisa, a proposição da escrita de “Como cheguei até aqui?” foi feita no primeiro encontro da disciplina, após escutarmos a música “A estrada”, do grupo Cidade Negra. Durante aproximadamente 15 minutos, todos os participantes, incluindo as coordenadoras do dispositivo (professoras da disciplina), se dedicaram a escrever, de próprio punho, a “versão rascunho” dessa narrativa. Em seguida, dividimos a turma em grupos menores, para que todos os participantes pudessem ler suas narrativas uns para os outros, conversar um pouco sobre seu conteúdo e reconhecer o que caracterizava esse tipo de escrita. Na parte final do encontro, novamente reunidas com toda a turma, conversamos sobre possíveis sentidos que poderíamos, a partir do que foi narrado pelos participantes, atribuir a cada parte da pergunta “Como cheguei até aqui?”:

Como? Caminhos percorridos, acontecimentos, experiências de vida, pesquisa e formação que me trouxeram até aqui.

Cheguei? Remete ao “eu”, à pessoa que escreve, mas também a “si mesmo como outro” (Paul Ricouer), a nossos lugares sociais e culturais de pertencimento, de constituição de identidades individuais e coletivas no decurso da vida. O “eu” inclui “outros”; o “eu” é também “nós”; o “eu” é “outro” na configuração da identidade narrativa.

Até aqui? É um lugar metafórico, que interliga tempo, espaço e experiências na “tessitura da intriga” (Inês Bragança). Pode indicar também um estado ou condição, um momento da vida em que o narrador se encontra agora. Ou, ainda, um modo de ver, sentir, pensar ou questionar o que se narra (Diário de Pesquisa de Juliana Faria, 22/03/2022).

Ao final desse encontro, propusemos aos estudantes a tarefa de digitar e nos enviar a “versão 1” de sua narrativa, que poderia ter leves modificações que eles julgassem pertinentes ou necessárias à “versão rascunho” produzida e compartilhada durante a aula.

A PROPOSIÇÃO DA “CARTA DO ABRAÇO”

Na DNEP, embora cada relato seja de autoria individual, sua produção se faz entramada por reflexões pedagógicas coletivamente construídas. Na conversação com os pares, o “trabalho hermenêutico” (RICOEUR, 1994) de interpretação da experiência relatada é realizado por meio de comentários dos colegas sobre distintas versões que cada participante produz de seu relato. Desse modo, os comentários assumem grande importância no processo de edição pedagógica das narrativas e, como explicita Faria (2018), um dos aprendizados fundamentais para os participantes diz respeito a como comentar os textos de modo a contribuir para que eles cresçam em “densidade narrativa” e em “densidade pedagógica”:

[...] Começávamos a “comentá-los comentando” como podíamos, como sabíamos, e as docentes investigadoras coordenadoras nos auxiliavam a analisar os comentários feitos e a pensar sobre como fazer comentários que contribuíssem para que o texto pudesse crescer em *densidade narrativa*. Isso nos auxiliava a romper com nossa tendência a escrever textos pedagógicos em formato de relatórios impessoais, de planejamentos de aula ou de projetos etc., em vez de textos pedagógicos escritos em primeira pessoa e de forma narrativa. Auxiliava-nos a romper com o medo de escrever, a encarar o *fantasma da folha em branco* e a colocar o que houvéssemos conseguido escrever à disposição dos comentários das outras pessoas. Auxiliava-nos, mais do que isso, a enfrentar o medo da crítica imobilizadora e/ou do julgamento moral de nossos/as comentaristas e a perceber quando estaríamos fazendo um comentário imobilizador ou inquisidor da experiência alheia. Comentar os relatos era realizar coletivamente um trabalho hermenêutico com os textos, um trabalho de interpretação de diferentes níveis, que nos auxiliava a reescrevê-los. Era compartilhar palavras, sentidos e sem-sentidos da experiência pedagógica. O comentário de uma pessoa podia ser transformado em uma frase de um texto meu e vice-versa. A pergunta de uma colega narradora ou de uma colega coordenadora do dispositivo podia ser geradora de uma intriga narrativa em um texto meu e vice-versa. Modificar o texto com base em comentários de nossos pares era uma decisão que cabia única e exclusivamente a quem era autor/a do relato. Comentar, escutar e pensar sobre os relatos e comentários de outros/as era, no entanto, um compromisso que todos/as assumíamos (FARIA, 2018, p. 324, grifos da autora).

Comentar os relatos era também contribuir para que a intriga narrativa do texto ganhasse *densidade pedagógica*, pois, ao fazê-lo, refletíamos sobre nossas experiências e práticas pedagógicas. Era fazer perguntas que expressavam uma “indagação pedagógica do mundo educativo” (DÁVILA,

2014; SUÁREZ, 2011, 2012), cujo objetivo de escrita era reconstruir sentidos, explorar metáforas, encontrar novas maneiras de dar nome ao que acontece e nos acontece no mundo educativo. Era fazer perguntas que nos auxiliavam a compreender e explicar nossas práticas pedagógicas, e também a rever nossos preconceitos e dificuldades, a reconhecer o que não podíamos compreender ou não sabíamos (como) explicar. Era também dialogar com leituras, com teorias que já conhecíamos ou que estudávamos nos seminários que faziam parte do curso, revendo nossas formas de pensar as práticas educativas e a investigação em educação, alimentando nossas mentes com os estudos que haviam contribuído para que o dispositivo de que participávamos fosse explorado, estudado e estivesse sendo continuamente aperfeiçoado (FARIA, 2018, p. 325).

Tendo em vista essas questões que atravessam a experiência de quem viveu intensamente o dispositivo e que podem ser tomadas como características comuns ao trabalho investigativo-formativo realizado pelo Grupo *Memoria Docente y Documentación Pedagógica*, propusemos a escrita da “carta do abraço” às narrativas de “Como cheguei até aqui? (versão 1)”. O enunciado de proposição da tarefa valeu-se do mesmo gênero textual: uma carta destinada aos estudantes com o propósito de sensibilizá-los para a natureza da tarefa e convidá-los a participar do movimento de escrita das cartas. Transcrevemos a seguir um trecho dessa carta:

[...] Uma das ações mais importantes do processo de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas é o ato de ler e comentar as narrativas de nossos pares. É claro que “ler” a gente já sabe, “comentar” também, mas, “ler para comentar”, no contexto desse dispositivo de pesquisa-formação, é algo que apresenta algumas particularidades. Vamos conhecê-las aos poucos e a proposta desta tarefa já é um exercício narrativo que nos auxiliará a pensar sobre isso.

A tarefa é escrever uma carta para o(a) colega, baseada na sua experiência de leitura da Narrativa Pedagógica A (versão 1) disponibilizada por ele(a). Para isso, recomendamos que você, tanto como leitor(a) do texto do(a) colega, quanto como escritor(a) da carta, busque construir a seguinte postura: “Eu acolho sua narrativa, dou um abraço nela. Ao fazer isso, recebo algo de você e te retribuo com um presente: uma carta. Nesta carta, te direi como vivi esse abraço, o que ela me fez sentir, pensar, lembrar, imaginar e/ou perguntar... Além de acolher a sua narrativa, assumo o compromisso de destacar o que há de potente na sua escrita e trazer algumas indagações que poderão te auxiliar a escrever mais” [...]. (Carta de proposição da tarefa da “carta do abraço”).

A ideia central da proposição da “carta do abraço” foi, portanto, “abraçar a narrativa” do colega, instaurando um movimento de acolhida da primeira escrita de cada participante, de reflexão (auto)biográfica (na interação do escritor da carta com a narrativa lida) e de construção de uma postura colaborativa com a escrita do colega. Compreendíamos que era preciso construir, desde o princípio, uma relação de confiança, em que os comentários produzidos ao longo dos encontros da disciplina evitassem a “crítica imobilizadora” ou o “julgamento moral” das experiências, viabilizassem a reflexão pedagógica sobre elas e incentivassem que o autor da narrativa comentada pudesse produzir uma versão mais densa de seu relato.

CONTRIBUIÇÕES DA CARTA DO ABRAÇO PARA O DISPOSITIVO DA DNEP

No processo de DNEP, à medida em que acontecem os sucessivos e recursivos momentos apresentados na introdução deste texto, são explorados junto aos participantes os *tonos* de comentários que contribuem para a edição pedagógica dos relatos, ou seja, os estilos ou tonalidades de perguntas, dúvidas e sugestões feitas sobre a narrativa “para tornar a história comunicável e densamente significativa” (SUÁREZ et al, 2021, p. 58, tradução nossa). Para o escopo deste artigo, analisaremos as contribuições da carta do abraço nesse sentido, dando a conhecer o trabalho hermenêutico iniciado pelos estudantes com as narrativas escritas por

seus colegas e discutindo como se caracterizam os comentários nelas encontradas. Para tanto, traremos trechos das cartas produzidas pelos estudantes, relacionando-os com as características de cada *tono*.

[...] Primeiro, gostaria de dizer que fiquei muito feliz vendo seu nome na autoria dessa narrativa e demonstrar que também compartilho de alguns sentimentos seus, como por exemplo a vontade de ser a diferença na vida das crianças, algumas em específico, que são o motivo de nossa caminhada. [...] Senti muita vontade de te abraçar e dizer que você é uma pessoa incrível! (Carta do abraço 1).

[...] Se para você a professora Honey foi marcante, o marco da minha vida foi a Professora Muito Maluquinha, de Ziraldo. Acredito que como ela devemos abraçar a nossa maluquice para auxiliar o dia a dia de nossa didática [...] (Carta do abraço 6)

[...] Lendo a sua narrativa, percebi que temos mais em comum do que só o nome: temos estradas parecidas. A minha também foi – às vezes ainda é – solitária e dolorosa; e eu também sinto saudades de quem eu era todos os dias. [...] a gente não se conhece, mas quero que saiba que você ganhou uma parceira nos sonhos que jamais imaginou sonhar, e no caminho que escolheu trilhar. [...] (Carta do abraço 8)

Os trechos aqui apresentados ressaltam comentários que se aproximam do que se entende, na DNEP, por *tono 1*, que são aqueles comentários que “habilitam a primeira entrada dos participantes no trabalho de edição do coletivo”: eles promovem “laços empáticos de confiança mútua”, atendendo à “necessidade de quem narra de ser escutado” (por meio da leitura de seu relato escrito), suspendendo “o intento de demonstrar – por parte de quem comenta, de quem o edita pedagogicamente – tudo o que se sabe sobre aquilo que se conta no relato” (SUÁREZ et al, 2021, p. 58-59, tradução nossa). Como se pode ver, os comentários produzidos nas cartas do abraço evidenciaram as características marcantes das narrativas dos colegas, contribuíram para o grupo (re)conhecer e valorizar as experiências narradas e para que os estudantes se sentissem mais próximos uns dos outros.

Em relação ao *tono 1*, é importante destacar que, no processo de DNEP, quando uma narrativa é lida para os pares pela primeira vez, as pessoas se sentem um pouco tímidas para começar a comentar algo. A mediação de quem coordena o dispositivo é fundamental para “quebrar o gelo”, para iniciar uma conversa sobre a narrativa, acolhendo a experiência trazida pelo autor ou pela autora, demonstrando que o relato foi atentamente escutado. Na proposição da carta do abraço, essa acolhida foi incentivada e, com isso, todas as 14 cartas produzidas na ocasião fizeram vários comentários de *tono 1*. Além disso, é importante lembrar que, no primeiro encontro, a versão rascunho das narrativas foi lida por cada autor e todos puderam conversar um pouco sobre a pergunta “Como cheguei até aqui?”, buscando compreender o que caracterizava o “aqui” de cada texto.

No processo de DNEP, após o momento inicial de acolhida coletiva ao relato lido, os participantes se sentem mobilizados a conversar sobre a experiência pedagógica relatada, a refletir sobre ela, sentindo liberdade para fazer perguntas ao autor ou à autora, e buscando compreender melhor a experiência. Com isso, os sentidos da experiência são coletivamente interrogados, expandidos, ampliados, enriquecendo as possibilidades de reconstrução da experiência pedagógica. A mediação de quem coordena o dispositivo passa a cumprir, então, o papel de auxiliar os participantes a irem, aos poucos, transformando as reflexões pedagógicas feitas oralmente em comentários que se dirijam (oralmente ou por escrito) ao “mundo do texto” (RICOEUR, 2010), propondo operações que caracterizam a edição pedagógica do relato: “o que agregar ou expandir ou ampliar,

o que excluir, inibir ou retirar, o que mudar, permutar, alterar ou modificar nas diferentes versões do relato de experiência pedagógica” (DÁVILA, 2014, p. 66, tradução nossa).

É nesse momento que surgem os comentários de *tono 2*, caracterizados por “adentrar em extensão e em profundidade no texto”, provocando a reescrita, as modificações nas narrativas dos pares. Esses comentários se dão por meio da “formulação de perguntas, de observações precisas e sugestões que interpelam o que o relato diz e não se compreende” (SUÁREZ et al, 2021, p. 59, tradução nossa). Além disso, com os comentários de *tono 2*, a narrativa é tensionada por uma indagação pedagógica interessada naquilo que quem narra escreveu.

A edição pedagógica tem como horizonte trabalhar coletivamente os relatos dos docentes participantes com o fim de transmitir os mundos pedagógicos mais que resguardar em si mesma a qualidade de sua escrita. Neste caso, a qualidade tem a ver com o que, daquilo que é indagado e se narra, produz conhecimento informado pela experiência docente e quais são os sentidos, enquanto indícios de formação, que o autor ou a autora encontra no vivido durante a escrita. Ao mesmo tempo, a edição pedagógica é em si mesma uma prática de formação que requer uma sensibilidade especial superadora do domínio das regras gramaticais e dos protocolos, uma espécie de saber do ofício que desenvolve uma intuição que só se aprende e exercita no coletivo de docentes escritorxs, intérpretes e comentadorxs editorxs dos relatos (SUÁREZ et al, 2021, p. 54).

As cartas do abraço trouxeram, ainda que timidamente, algumas perguntas e sugestões aos colegas, construídas mais a título de curiosidade ou de proposição de alguma reflexão sobre o futuro do que nos termos de uma edição pedagógica, como se pode notar nos trechos a seguir:

[...] Sua narrativa me despertou a curiosidade em poder conhecer alguns de seus trajetos, exemplos de barreiras e obstáculos que enfrentou [...] (Carta do abraço 2).

[...] Que caminhos iremos tomar daqui para a frente? Essa é uma pergunta que tem me ocorrido atualmente, conforme nos aproximamos da formatura. Será que seguiremos por ele ou outras brechas surgirão? [...] (Carta do abraço 7)

[...] Como você compartilhou na sua narrativa: “Esse aqui, como futura professora, foi construído por muitas partilhas.” Eu gostaria de saber um pouco mais sobre essas partilhas e também sobre a sua pesquisa, esse pequeno recorte com certeza me deixou muito curiosa [...] (Carta do abraço 9).

Não é simples realizar comentários característicos do *tono 2*; pelo contrário, essa é uma atividade complexa, que requer que se produza um distanciamento em relação à experiência pedagógica e se volte o olhar sobre o texto, sobre a configuração da intriga narrativa. Por isso, era esperado que, na primeira experiência de comentar as narrativas dos colegas (diretamente por escrito e sem a nossa mediação pela oralidade), fossem bastante expressivos apenas os comentários de *tono 1*.

Com o passar do tempo, a partir de outros exercícios narrativos feitos com os estudantes, os comentários de *tono 2* foram se aprimorando e foi possível desenvolver, no 2º semestre de 2022, o processo de tematização pedagógica, viabilizado por comentários de *tono 3* (cf. SUÁREZ et al, 2021).

Para o contexto de nossa pesquisa-formação, foi importante fazer o movimento de identificação dessas tonalidades, de modo a viabilizar uma reflexão sobre elas com os próprios estudantes. Após compartilhar com

eles esse movimento interpretativo de suas cartas, dedicamos outros encontros para que todos pudessem ter suas narrativas lidas e comentadas oralmente pelo coletivo e, com a nossa mediação, foi possível contribuir para a escrita da segunda versão da narrativa “Como cheguei até aqui?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A DNEP é um dispositivo reconhecidamente relevante para a formação continuada de professores, com produções do Grupo *Memoria Docente e Documentación Pedagógica* já consolidadas na Argentina e bastante difundidas no âmbito da pesquisa (auto)biográfica e narrativa em educação no Brasil, embora não apresentem versões traduzidas para o português. Com nossa proposta de investigação, assumimos o desafio de construir modos de pesquisar-formar que viabilizem a realização da DNEP com licenciandos, desenvolvendo estratégias que sejam sensíveis a esse público, majoritariamente constituído por jovens que ainda não exercem profissionalmente a docência. Desse modo, buscamos desenvolver exercícios narrativos que lhes permitam viver a experiência de investigar narrativamente suas experiências formativas ao longo da vida.

A carta do abraço configurou-se como uma criação ético-metodológica desta pesquisa, cuja proposição objetivava que cada participante se comprometesse com a leitura da primeira narrativa escrita pelo colega, se reconhecesse nela e compartilhasse reflexões, perguntas ou sugestões tecidas nessa leitura, contribuindo para acolher a narrativa do colega e estimular a que uma nova versão pudesse ser escrita. Ao compartilhar com os estudantes o trabalho hermenêutico que fizemos com suas cartas do abraço, foi possível discutir duas diferentes tonalidades de comentários e incentivá-los a comentar oralmente as narrativas dos colegas, lidas em uma nova oportunidade. Destacamos, pois, a potencialidade da carta do abraço para iniciar uma conversa sobre a própria natureza dos comentários e, dessa maneira, construir com os participantes, as estratégias investigadas pela pesquisa.

Por fim, gostaríamos de destacar a potência do “abraço” como metáfora que nutre processos colaborativos de pesquisa-formação no âmbito das abordagens (auto)biográficas e narrativas em educação.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas, v.1), p. 123-128.

BUSTELO, C. **Experiencias de formación en contextos de encierro: un abordaje pedagógico desde la perspectiva narrativa y (auto)biográfica**, 2016. 259 f. Tesis (Doctorado). Universidad de Buenos Aires – Buenos Aires, 2016.

CONTRERAS DOMINGO, J.; PÉREZ DE LARA FERRÉ, N. La experiencia y la investigación educativa. In: CONTRERAS DOMINGO, J.; PÉREZ DE LARA FERRÉ, N. **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Morata, 2013, p. 21-86.

DÁVILA, P. **Escribir e interpretar la experiencia docente. La documentación narrativa de prácticas pedagógicas**, 2014. Tesis (Maestría). 183 f. Universidad de Buenos Aires – Buenos Aires, 2016.

FARIA, J. B. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa: experiências de formação de sujeitos em imersão docente**, 2018. Tese (Doutorado em Educação). 385 f. Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, de 1992.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRENAK, A. **Ideias para Adiar o fim do mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LINHARES, C. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 16, n. 31, maio.-ago. 2007, p.136-160. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192>. Acesso em: 01/10/2022

PINEAU, G. Ancoragem de uma política de pesquisa em ciências humanas: histórias das novas profissões socioeducativas em formação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 55-70, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8424/pdf>

PRADO, G. do V. T. Narrativas pedagógicas e formação no contexto do PIBID-UNICAMP. **Anais do VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**. São Paulo, Universidade Cidade de São Paulo, 2018, p. 107 a 122.

RICOEUR, P. A vida: uma narrativa em busca de narrador. In: RICOEUR, Paul. **Escritos e Conferências 1: Em torno da Psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 197-211.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa (tomo I)**. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

SUÁREZ, D. H. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 03, p. 480-497, set/dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2999>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SUÁREZ, D. H.; DÁVILA, P.; ARGNANI, A.; CARESSA, Y. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas**: una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes. Buenos Aires: FFyL/UBA, 2021. Disponível em: <http://publicaciones.filo.uba.ar/sites/publicaciones.filo.uba.ar/files/Documentacio%CC%81n%20narrativa%20de%20experiencias%20pedago%CC%81gicas.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SUÁREZ, D.; OCHOA, L.; DÁVILA, P. Documentación narrativa de experiencias pedagógicas. **Nodos y Nudos**, [S. l.], v. 2, n. 17, 2004. DOI: [10.17227/01224328.1228](https://doi.org/10.17227/01224328.1228). Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/NYN/article/view/1228>. Acesso em: 26 mar. 2023.

